

A SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE 1º E 2º GRAUS *

Helóisa Dupas PENTEADO **

RESUMO: O professor ao ouvir o discurso atual sobre a educação, atribuir os problemas existentes às entidades supra-individuais, encontrou para a ineficácia do seu trabalho uma explicação fora de sua ação e para além dela. Assim, vítima que foi de violências, desatenções, desânimos, também foi acometido destes e cometeu aquelas. Ao longo desse processo chegou o momento de sua reação. Reação que se fez sentir sobretudo em torno das questões salariais, tocando muito de leve as questões pedagógicas; reação que também não foi referendada por outros extratos da população, incluindo-se aqui grande parte de pais de alunos, muitos deles pior remunerados que o próprio professor. É pois preciso «reagir ou pressionar através do trabalho pedagógico». Para tanto, o professor precisa de Instrumentos. Instrumentos que permitam explorar e conhecer os acidentes da estrada que liga grupos humanos de diferentes origens sociais que estão dentro da escola hoje. Esse instrumental pode, e deve, ser garantido a ele pelo ensino da Sociologia, que, das Ciências Humanas, é a que tem por objeto de estudo a interação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Instituição. Democratização do Ensino. Reação Relação Professor-Aluno. Instrumento. Sociologia.

O tema que dá nome ao presente artigo foi apresentado no Congresso Nacional de Sociologia, com a pretensão de virar de ponta-cabeça o discurso atual sobre a educação e seus problemas e colocar de um lado uma questão que, pela sua amplitude a respeito da organização da educação, poderia mesmo ser chamada de uma questão existencial, e de outro lado, colocar questões que, do meu ponto de vista, têm a mesma amplitude da primeira, se não maior, em importância e significação, mas que, freqüentemente, são consideradas como questões menores, em decorrência mesmo do atual discurso sobre educação. Dizem elas respeito à sáda de aula.

* Trabalho apresentado ao Congresso Nacional de Sociologia — Fortaleza — Ceará — setembro, 1982.

** Professora Assistente do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada. Faculdade de Educação. USP.

Se a intenção é virar de ponta-cabeça o "discurso atual" sobre a educação, cumpre discernir inicialmente o que está na "cabeça" e o que está nos "pés".

De que fala esse discurso?

Fala sobretudo e principalmente de uma educação excludente. De uma escola que exclui através da reprovação e da evasão escolar, das relações professor-aluno e das demais relações escolares, do método de ensino, do material utilizado, das instalações escolares.

Fala da educação como reprodução do status-quo e da escola como aparelho ideológico do Estado.

Fala da "autonomia" do sistema educacional e da instituição escola, autonomia que cresce a cada dia, na mesma medida em que os professores são excluídos das "decisões" da vida escolar e portanto da "esfera do poder" dentro da escola.

Fala de uma entidade que paira acima e além das pessoas que a compõem: a INSTITUIÇÃO.

Quem produziu esse discurso? Quem o proferiu?

Os cientistas em geral, todos eles professores universitários.

Por isso, ele absorveu afirmações das diferentes ciências humanas: da psicologia, da antropologia, da sociologia. É da sociologia, por exemplo, que vem a seguinte afirmação: frequentemente utilizada para analisar a nossa situação-problema educacional.

— "Uma vez firmemente organizada, uma organização tende a assumir uma identidade própria que a torna totalmente independente das pessoas que a fundaram e mesmo daquelas que são seus membros" (1).

O que está na cabeça desse discurso?

O que está nos pés?

Na cabeça desse discurso está a INSTITUIÇÃO, entidade tentacular que vai açambarcando um a um os seus componentes.

Ao rés do chão, nos pés desse discurso, titubeando entre a posição de vítima (em que muitos se sentem) e a de criminoso (onde muitos nos colocam) está o PROFESSOR.

Esse professor que até há pouco exercia o magistério como sacerdote. E, se o sacerdote cometia o pecado, que a Igreja também cometia até há pouco, de uma ação paternalista, assim

(1) PETER Blau, apud ALVES. Rubem, *Conversas com quem gosta de ensinar*. Cortez Editora, 1982.

também procedia o professor; se o sacerdote cometia o pecado de ensinar "verdades" prontas, acabadas, indiscutíveis, ou seja, de ensinar dogmas, assim também agia o professor, diferindo do sacerdote apenas por ensinar "dogmas científicos", por paradoxal que pareça; e se não cometia, como o sacerdote, o pecado de ignorar os valores e crenças originais daqueles que procurava conquistar era apenas porque tinha a mesma origem do seu rebanho.

Mas, é importante nos lembrarmos de que esse professor que cometia todos os pecados já citados, também tinha, como o sacerdote, o mérito de acreditar na importância do seu pastoreio, de querer "conquistar" todas as ovelhas para o seu rebanho, dando atenção especial às desgarradas, de estar posicionado diante da vida e da educação ao desenvolver a sua ação, orientando-se por princípios e objetivos clara e explicitamente definidos, por mais discutíveis que pudessem ser esses princípios.

Ao se processar a chamada democratização do ensino, tal como ela se deu entre nós, consistindo apenas na abertura das portas da escola às mais diferentes camadas sociais, esse professor recebeu, perplexo, em suas classes, alunos com diferentes acessos culturais e, portanto, com valores diferentes, rotina de vida diferente, linguagem diferente, responsabilidades diferentes.

Diferentes de que? Diferente dos do professor. E diferentes entre os próprios alunos.

E a perplexidade do professor se deu, ao perceber a ineficiência do seu trabalho diante dessa população. Viu-se engolido pela "democratização do ensino". Viu-se engolido pela nossa realidade.

Quem ouviu o discurso sobre educação?

Esse professor perplexo, que, ao ouvir se atribuir os problemas existentes à estrutura, ao sistema, às entidades supra-individuais, quase que como algo inatingível, de alguma maneira se tranqüilizou.

A sua perplexidade diante da ineficácia de sua ação encontrou uma explicação fora de sua ação e para além dela.

... "quando os fatores decisivos estão ao nível das macro-unidades é compreensível que cada pequeno educador e cada pequeno aluno se sinta imensamente atraído pela opção de de "deixar como está para ver como é que fica." ALVES (1982).

Diante disso, despiu o hábito de sacerdote (a sua ação perdera a importância) e a intenção de conquistar; quanto mais de conquistar ovelhas desgarradas!

E, despido de uma filosofia que norteasse a sua ação educativa, despido de princípios que lhe iluminassem o caminho do trabalho pedagógico, *desprovido de instrumentos* que lhe permitissem enfrentar as vicissitudes que todo meio oferece sempre ao ser humano, entrou em sala de aula.

Como não encontrou outra roupagem que lhe cobrisse a nudez, adicionou à sua prática, já tradicional, de ensinar “dogmas-científicos” aquilo que do sacerdote ele não tinha, porque outrora não lhe fora necessário: — o pecado de ignorar os valores e crenças originais, agora não mais de seu rebanho, mas sim, de seus alunos.

E em sala de aula recebeu ternuras e violências, esperanças e desânimos, atenções e desatenções, que em vez de serem objetos de sua ação como sujeito-educador foram lâminas cortantes que o feriram e o levaram a cometer violências e desatenções e a ser acometido de desânimos e desinteresses.

Mas como é próprio do ser humano lutar pela sobrevivência, reagir, chegou também o momento, ao longo desse processo, da reação dos professores, não mais sacerdotes, não ainda profissionais.

Ela se fez sentir de maneira mais organizada a partir de 1978, através das greves do magistério.

Por que clamam essas greves?

Sobretudo e principalmente por melhores salários.

Pressinto aqui indagações como: — e as melhores condições de ensino que foram juntamente reivindicadas? Ouso responder: — bandeiras menores, trêmulas flâmulas perto dos pavilhões desfraldados em torno da questão salarial, não menos importante.

Mas se a questão salarial é importante e crucial, isso se pode perceber através dos cálculos detalhados que fizeram não só as Associações de Classe mas também e principalmente os colegas professores, dentro das escolas em que trabalhamos. Cálculos esses e correspondentes explicações, justificativas, localizações históricas que puseram a público e em linguagem compreensível a qualquer leigo em educação, a seriedade e amplitude do problema.

Onde, nas reivindicações por melhores condições de ensino se encontra a denúncia explícita e concreta, compreensível por qualquer leigo que dela tome conhecimento, de questões relativas a número de serventes em relação ao número de alunos em cada escola, falta de coordenadores pedagógicos, já que o cargo de diretor cada dia mais se configura como um cargo burocrático; as papeletas falsas que se tem de preencher para o computador com avaliação de aulas que efetivamente não são ministradas, como, por exemplo, as de Educação Física, de 1ª a 4ª séries que,

apesar de existirem no currículo, por falta de quadras disponíveis ficam sem ser dadas, como acontece de modo geral em muitas escolas?

Onde isto explicitado e posto a público detalhadamente, identificando cada unidade de onde havia professores participando dessa reação?

Onde os detalhes dos cálculos relativos aos salários, nessas reivindicações por melhorias pedagógicas? Elas apareceram apenas como listagem genérica, como essa que agora acabamos de fazer, e como tal absolutamente teórica e abstrata para o grande público, que sofre as conseqüências desses detalhes, na maioria das vezes sem o saber?

Clamamos principalmente por questões salariais. Pelo menos, foi isto que o público ouviu.

E... "se os homens definem situações como reais, elas são reais em suas conseqüências". ALVES (1982).

Clamamos por transformações na INSTITUIÇÃO que deverão ser feitas por ação de INSTITUIÇÕES ESTATAIS, ou seja, pelo PODER PÚBLICO.

E é exatamente nesse ponto que se coloca a "questão existencial", ou "questão histórica" de que falava no início deste trabalho.

Clamamos por transformação vinda de fora para dentro. É verdade que o clamor vem de dentro. Não se nega também que há mudanças que precisam ocorrer e que estão fora da alçada do professor proporcionar. Mas esse clamor não é ainda referendado por outros extratos da população.

Durante as greves, não foram raros comentários de pais pelas esquinas:

— "O que querem esses professores? Eu trabalho muito mais do que eles, dou um duro danado e não ganho o que eles ganham. Pra ficar lendo um jornal na frente da classe e mandar os meninos lerem o livro, eles ganham é muito".

Não se pretende aqui negar a necessidade desse clamor.

Mas essa reação que se expressa nesses termos, ou seja, da transformação sobretudo e principalmente em termos salariais coloca para nossa reflexão a seguinte questão existencial: É somente a partir das mudanças institucionais que poderá começar a ocorrer mudanças nas relações vividas dentro da escola, especialmente nas relações professor-aluno?

Colocar a questão nesses termos é proferir a seguinte palavra de ordem:

— vamos organizar nossas forças; vamos cerrar fileiras; vamos pressionar através do nosso trabalho.

Todos nós sabemos que mesmo que conseguíssemos a transformação salarial e outras transformações materiais da escola imediatamente, ainda um longo caminho nos separa dessas relações fluentes professor-aluno. Caminho que para ser vencido precisa ser conhecido. Conhecido, através de *instrumentos* que permitam explorar e conhecer os acidentes da estrada que liga grupos humanos de diferentes origens sociais; *instrumentos* que permitam entender de maneira heterocêntrica, ou seja, do ponto de vista do outro com quem se interage, as ocorrências e vicissitudes dessa interação; *instrumentos* que permitam buscar, inventar, experimentar alternativas de ação que visem a superação das vicissitudes que se pretende superar.

Onde encontrar esse instrumento? Nas ciências humanas, de um modo geral, e especialmente na *sociologia* que tem por objeto de estudo a interação humana. Ciência que permite ao homem perceber-se produto e produtor da vida social, produto e produtor da história.

Tanto mais produtor, quanto menos assume a posição de vítima.

Portanto, é o ensino da Sociologia nos cursos de formação do professor de 1º e 2º graus, este instrumento.

Aqui, cabe uma distinção e uma indagação.

Em termos de formação não temos professores de 1º e 2º graus. Temos a formação do Professor I, habilitado para ministrar aulas de 1ª a 4ª séries do 1º grau, dada através do 2º grau profissionalizante, após o magistério; e temos a formação do Professor III, habilitado para ministrar aulas de 5ª a 8ª séries do 1º grau, e de 1ª a 3ª séries do 2º grau, dada através da licenciatura. Enquanto o Professor I tem sociologia como disciplina na sua formação, o Professor III não tem sequer uma iniciação sociológica na licenciatura.

Paradoxalmente, a reação do professor não mais sacerdote, não ainda profissional partiu sobretudo do Professor III. E, por que não dizer, é dentro do grupo de Professor I que se localizam ainda as maiores resistências a essa reação.

Que concluir disso? Que a sociologia não instrumenta o professor?

Que sociologia é essa que o Professor I conheceu? Certamente ouviu falar de Durkheim, Weber ou de Marx, do objeto da sociologia, do seu status de ciência do homem, dos conceitos de grupos

sociais, de classes sociais, de estrutura e de organização social, dos tipos de processos sociais.

Teria ele visto com alguma concreticidade o processo de Mudança Social, o processo de Dominação e Subordinação, o papel da Escola, grupo social dentro do qual se encontram grupos sociais de diferentes origens e acessos culturais, dentro do qual irá agir?

Teria visto à luz da sociologia como esses encontros se dão e por que se dão dessa ou daquela maneira; teria visto que o agente social nunca é neutro e que, portanto, o professor também não é, e que desta forma a sua ação educativa comporta duas orientações: — ou educar para reproduzir ou educar para transformar — tome ele, ou não, consciência disso?

Teria ele aprendido da sociologia aquele conhecimento capaz de lhe proporcionar uma ação consciente e objetiva enquanto professor? Ou teria aprendido da sociologia aquele conhecimento que interessa apenas ao cientista, ou seja, um quadro teórico e formal de conceitos?

Afinal, acabamos de ter uma S.B.P.C. toda ela voltada para a utilidade, a razão de ser da ciência na vida quotidiana das populações. E isto, não representa grande novidade. Pois são de Bretsch (1898-1956) as seguintes palavras:

— “Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana”.

Então, quando falamos da Sociologia na formação do professor de 1º e 2º graus como instrumento de trabalho daquele profissional em que o professor precisa se transformar, estamos pensando no que chamamos, no início deste trabalho, de questões menores ou questões de sala de aula.

Estamos pensando num professor instrumentado para perceber problemas do dia-a-dia da sala de aula como faltas freqüentes do aluno por perder a hora (não tem quem o chame); falta de estudo do aluno porque não lhe sobra tempo para tanto (trabalha) ou porque esquece (não tem quem o oriente fora da escola), visando lidar com eles de maneira mais produtiva e adequada.

Estamos pensando num professor instrumentado para perceber problemas da relação com os pais como, por exemplo, não poder contar com eles para um acompanhamento dos filhos; para receber o autoritarismo ou mesmo o passivismo dos pais em relação ao desempenho escolar dos filhos; para enfrentar o insucesso das reuniões de pais montadas pelos professores e buscar formas de superação.

Estamos pensando num professor *instrumentado* para viver os problemas da relação professor-professor, professor-diretor, dentro da unidade escolar.

Estamos pensando num professor que tome tudo isto como *objeto da sua ação de educador*.

Essas são as chamadas questões menores, porque vêm de baixo, ou da base de todo o processo educativo e do seu cotidiano e que assumem na verdade a mesma amplitude da primeira, se não maior, quando a pensamos neste momento em que a sociedade brasileira busca tão ansiosamente um modelo Democrático, quando pensamos que a história não dá saltos e que é este processo anônimo, eterno e cotidiano que a constrói; quando pensamos que somos nós os construtores da história.

Portanto, urge assumir a história das relações vividas pelo professor dentro da escola hoje.

E neste momento em que nós sociólogos-professores nos reunimos para discutir questões relativas ao nosso trabalho, assumir essa história é propor para nossa reflexão questões, tais como:

- 1ª) O que, de modo geral, um professor precisa saber de sociologia para exercer a sua profissão com propriedade e eficiência?
- 2ª) Quais as diferenças básicas dos problemas enfrentados pelo Professor I e pelo Professor III no exercício do seu trabalho?

Definir isso com clareza é propor parâmetros norteadores para a proposta de um currículo de sociologia adequado aos cursos de formação de professores I e III, que tenham por meta:

- formar professores instrumentados para lidar com realidades sociais diferentes daquela de que provêm;
- formar educandos capazes de se perceberem como produtos e produtores da história vivida por todos nós.